



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14571 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

MANIFESTO POR UM CURRÍCULO [MARIELLE] FRANCO

Franklin Kaic Dutra Pereira - UFPB - Universidade Federal da Paraíba

Saimonton Tinôco da Silva - UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

### MANIFESTO POR UM CURRÍCULO [MARIELLE] FRANCO

**Resumo:** Objetivamos, neste ensaio, conversar complicadamente sobre possíveis deslocamentos para a transgressão em *universidadescolas*, na defesa de uma educação antirracista, dada as repercussões, os assassinatos e o genocídio da população brasileira, sobretudo, preta e indígena. Propomos (re)pensar as *universidadescolas* a partir de um currículo [Marielle] franco, o que requer que as instâncias democráticas estejam fortes. Considerando isso, manifestamo-nos por um currículo franco, que tem gente, que tem voz, que tem a ousadia da existência. (Re)afirmamos a importância de enegrecer os currículos, as *universidadescolas* e, sobretudo, a educação, para adiar os fins que estão em curso. Por isso, posicionamo-nos em defesa da democracia, de uma política curricular plural e franca, confirmando o perigo de uma história única, para que tenhamos currículos com a cara do Brasil e que, por isso, valorizem os conhecimentos dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas. Para (re)inventar a educação pública brasileira: um currículo [Marielle] franco!

**Palavras-chave:** Currículo, Marielle Franco, Educação antirracista, Anticolonialismo, Estudos do cotidiano.

### INICIANDO UMA CONVERSA FRANCA

Este *ensaio manifesto* é uma tentativa de colocar no papel algumas ideias sobre as possibilidades de um “Currículo [Marielle] Franco”, que pretende entender a vida que pulsa,

que resiste à aniquilação da diferença e (re)flete sobre as *universidadescolas*. Um possível movimento para (re)pensarmos e (re)lançarmos outras contraposições à Base Nacional Comum Curricular.

Sendo assim, apoiamos essa escrita em chamamentos que têm nos atravessado – tais como: adieemos o fim do mundo (KRENAK, 2019; MERLADET; SÜSSEKIND, 2020) e o fim da escola, da universidade e do gênero (DUTRA-PEREIRA, 2021; BARBOSA DOS SANTOS; DUTRA-PEREIRA; BORTOLAI, 2022), o “fim do mundo do fim” (SÜSSEKIND; MERLADET; d’AVIGNON, 2023) – e em “conversas, sempre complicadas” (PINAR, 2007; 2016; 2017; SÜSSEKIND; SANTOS, 2016).

Por isso, inventamos um currículo franco, que indaga as verdades absolutas, bem como a consolidação e a naturalização de preconceitos relacionados à sociedade, à ciência e à tecnologia. Busca (por) mexer, balançar, escancarar e enfraquecer as estruturas racistas, patriarcais e colonizadoras que têm se adensado nos espaços formativos, numa possível tentativa de adiar o “fim do mundo e da escola” (DUTRA-PEREIRA, 2023). Não há como sermos antirracistas se não removermos a cultura de aniquilação da diferença (SÜSSEKIND; CARMO; NASCIMENTO, 2020) que se intensificou e institucionalizou – sobretudo no governo Bolsonaro (2019-2022) –, no país e na *universidadescola* (FREITAS-FILHO; SÜSSEKIND, 2021).

Nesse intento, partimos do pressuposto *teóricometodológicoepistêmico* da conversa enquanto metodologia de pesquisa e formação (RIBEIRO; SOUZA; SAMPAIO, 2018), enquanto possibilidade de transgredir e subverter o instituído. Produzir currículos francos nas/pelas/com experiências, a partir de nossas histórias (de vida), por entendermos que “[...] conversar com-entre-sobre [...] a vida e os ensinamentos dos diversos espaços-aprendentes [...] possibilitará pensar *nosdoscom* outros [...]”. (DUTRA-PEREIRA, 2021, p. 6).

Por ser também uma conversa, algumas informações desse manuscrito talvez se repitam. Até porque o racismo praticado e institucionalizado diariamente repercute desde o processo que escravizou e dizimou milhares de pessoas que luta(va)m pela (re)construção desse país, quando fomos invadidos por europeus, num processo que ainda insistem em nomear de descobrimento. Em nossas palavras, tivemos: perseguição, aniquilação, assassinato, eugenia, falcatrúia, roubo etc., na Pindorama – nome dado, pelos/as indígenas, ao que hoje conhecemos por Brasil, antes da invasão brancocêntrica e, sobretudo, europeia.

Assim, buscamos sinalizar rotas, saídas, desdobramentos, travessias, questionamentos, deslocamentos e a necessidade de (re)inventarmos currículos [francos], na tentativa de adiarmos o fim do mundo e o fim a escola (SÜSSEKIND; MERLADET; d’AVIGNON, 2023), pois, uma estrutura/um sistema educacional que ainda insiste em práticas cotidianamente racistas (ALMEIDA, 2019) está condenado à aniquilação dos corpos e da diferença.

É nessa toada de aniquilação do outro, dos corpos negros e dos indígenas, que

dizimam a população sem nenhum remorso, que a justiça segue “deitada eternamente em berço esplendido, ao som do mar e a luz no céu profundo” (PRESIDÊNCIA, 2023). E, enquanto isso, ainda não temos respostas para o cruel caso do assassinato da vereadora negra, lésbica, defensora dos direitos humanos, Marielle Franco, que completou, em 14 de março de 2023, cinco anos de silenciamento.

### **MARIELLE FRANCO: *CURRÍCULOSEMENTE***

Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco (Rio de Janeiro, 27 de julho de 1979 – Rio de Janeiro, 14 de março de 2018), foi uma socióloga e política brasileira. Mari, como era conhecida entre suas amigas, amigos e colegas de trabalho, apresentava-se recorrentemente como “mulher, negra, mãe, socióloga, LGBT e cria da Maré!”.

Mulher de luta! Mulher de Garra! Mulher Franca! Mulher Marielle... Lutou bravamente contra as injustiças sociais, silenciamentos, invisibilidades das mulheres em espaços de poder, sobretudo na política. Marielle, franca como sempre foi, apresentou ao mundo para que veio: uma mulher que lutou incessantemente contra os algozes que queriam aniquilá-la, por tudo que ela representava, sobretudo por dar voz aos menos favorecidos socialmente, neste país tão desigual.

**Figura 1** – Retrato da vereadora Marielle Franco



**Fonte:** WIKIFAVELAS, 2022.

Infelizmente... conseguiram!!!

Em 14 de março de 2018, o Brasil assistia, com muita tristeza, à perversidade humana.

Marielle Franco, em sua ascensão e compromisso democrático, em promissora carreira política, foi *caladamorta* após uma atividade com suas companheiras de base política. Ela foi assassinada por 13 disparos, em seu carro, junto de seu motorista Anderson Pedro Mathias Gomes, no Estácio, região central do Rio de Janeiro (WIKIFAVELAS, 2022, s/p.).

Agora, Marielle Franco passa a ser também símbolo das lutas de todas as mulheres, de todas as pessoas que lutam, almejam, resistem e que desejam um mundo, um país, uma nação, um estado, um currículo livre de opressões. Não à toa, a frase “Marielle é semente” tomou conta do mundo, após a repercussão mundial do seu assassinato.

Não há como propor políticas possíveis de currículos francos que considere “todas as cores” com a democracia fissurada. (Re)pensar a escola e propor um currículo ‘franco’ – fazendo alusão a Marielle Franco –, requer que a instância democrática esteja forte e seja antirracista. Não há fortalecimento da democracia sem a presença da população que construiu esse país – pretos, pretas, indígenas, camponeses, quilombolas, etc.

A luta antirracista incide em diferentes aspectos, desde e, sobretudo, nos movimentos sociais, perpassando pelas os aparatos legais institucionais. Assim, apesar de termos no Brasil a Lei 10.639/03, que completa 20 anos de sua existência, é inerente percebermos que mesmo com tal lei, as demandas das culturas preta e ameríndia não foram e não estão sendo fortalecidas nas *universidadescolas*, ficando a cargo somente de eventos em meses comemorativos, como por exemplo, em abril, quando se comemora o “Dia do Índio” e, em novembro, com o dia da “consciência negra”. Considerando tal perspectiva, remontamos e justificamos o lançamento de um currículo [Marielle] Franco.

## O QUE QUER O CURRÍCULO [MARIELLE] FRANCO?

Postulamos um manifesto por um currículo [Marielle] franco, ao evidenciar a luta de diversas pessoas, pesquisadores/as pretos/as, indígenas que anunciam e denunciam o escárnio com a ciência brasileira e a Educação. Se faz necessário, um currículo franco, para que ele tenha a cara do Brasil, a cara do povo nordestino, a cara dos nossos lutadores e inventores de mundos outros, de *universidadescolas* melhores, equânimes, gratuitas, laicas, diversas e referenciadas sócio-culturalmente, para nos contrapor a este *tsunami* autoritário que tem pairado sobre o Brasil.

É fazer do currículo franco uma possibilidade de denunciar as armadilhas necropolíticas e necroliberais (MBEMBE, 2016), essas posturas de aniquilação da vida do outro, em nome de um Estado, de uma ciência e de um meio ambiente racistas. Diz respeito a *pensarfazer* nas *universidadescolas* uma contraposição às posturas de agressividade, de violência e de autoritarismo, de quem comanda e manda destruir, silenciar, matar corpos negros/as, pobres, LGBTQIA+, indígenas, quilombolas etc.

Um currículo franco opera na contraposição, no embate, nas margens. Se entrelaça com as mãos de docentes que defendem o estado democrático de direito, que ensinam as ciências para a valorização da vida, em meio à política de matar-morrer, do “nós e o eles” (STANLEY, 2020). Combate os sistemas autoritários e denuncia, sobretudo, a onda nazifascista-bolsonarista que tem pairado nas *universidadescolas*, reafirmando a necessidade de um currículo franco como contraposição a tais imposições.

Contrapor-se a esses movimentos de aniquilação, exclusão e segregação, persistentes nos diferentes currículos da formação docente, requer um movimento de transgressão, subvertendo as verdades absolutas e contrapondo-se aos conformismos de disciplinas. Por isso, defendemos que o currículo franco deve ser praticado e conversado, complicadamente, considerando epistemologias outras, que venham do Sul, da África, dos indígenas. Desse modo, a educação precisa ser versada cotidianamente, francamente, para que surjam diversas outras Marielles Francos, que renunciem, denunciem e transgridam às injustiças sociais, os racismos institucionais e ambientais, apresentando a força da mulher preta periférica.

Um currículo franco é antirracista porque produz/valoriza as existências dos/as sujeitos/as da diferença, permitindo insubordinações, transbordando barreiras impostas pelo pacto da branquitude e pela ciência racista. Um currículo franco é Marielle Franco e, por isso, valoriza e defende a vida, tem luta, tem resistência, tem diferença. Tem sede de justiça!

Um currículo franco responde às perguntas que pairam na sociedade, que estão há cinco anos sem respostas. Um currículo franco utiliza-se dos meios/estruturas/rotas/conhecimentos científicos para encontrar os mandantes de assassinatos e, sobretudo, permite-nos entender o envolvimento de (fa)milícias na morte de Marielle Franco. Por isso, um currículo franco responde: QUEM MANDOU MATAR MARIELLE FRANCO E ANDERSON GOMES? E POR QUÊ?

Por uma *universidadescola* antirracista e currículos francos!

Marielle, presente!

Nunca, jamais, esquecida.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARBOSA DOS SANTOS, Thiago; DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic; BORTOLAI, Michele. É preciso estarmos atentos e fortes”: conhecendo gênero e performatizando sexualidade nos estudos dos encontros nacionais no ensino de química. **Revista Interdisciplinar em Ensino de Ciências e Matemática**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 147–168, 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. Às professoras e professores de química em período de estágio: adiem o fim do mundo do fim.... **Cadernos de Estágio**, v. 4, n. 2, 2023.

DUTRA-PEREIRA, Franklin Kaic. É preciso mais Paulo Freire: narrativas autobiográficas e uma conversa de um jovem professor gay com o patrono da educação, ambos antifascistas. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade - REED**, v. 2, n. 5, 2021.

FREITAS FILHO, Luciano Carlos Mendes; SUSSEKIND, Maria Luiza. *Universidadescola e as disputas no contexto da pandemia*. **Momento - diálogos em educação**, v. 30, p. 50-74, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, n. 32, 2016.

MERLADET, Fábio; REIS, Graça; SÜSSEKIND, Maria Luiza. Ecologia de saberes, para adiar o fim da escola. **Práxis educativa (UEPG. ONLINE)**, v. 15, p. 1-16, 2020.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Hino Nacional**.

PINAR, William. *Currere: aquel primer año*. **Investigación Cualitativa**, v. 2, n. 1, p. 55-65, 2017.

PINAR, William. **Estudos Curriculares: ensaios selecionados**. (seleção, organização e revisão técnica: Alice Casemiro Lopes, Elizabeth Macedo) São Paulo: Cortez, 2016.

PINAR, William. **O que é a Teoria do Currículo?** Trad. Ana Paula Barros e Sandra Pinto. Porto: Porto Editora, 2007.

RIBEIRO, Tiago; SOUZA, Rafael de; SAMPAIO, Carmen Sanches (orgs.). **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?**. Rio de Janeiro: Ayvu, 2018.

STANLEY, Jason. **How fascism works: the politics of us and them**. New York: Random House Trade Paperbacks, 2020.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; CARMO, Lorena Azevedo do; NASCIMENTO, Stephanie Duarte Láu do. “‘Alfinetar’: currículos, ódios e gêneros”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, e71684, 2020.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; MERLADET, Fábio André Diniz; D'AVIGNON, Maria Giulia Scheffer. O fim do mundo do fim. **Revista Inter Ação**, Goiânia, v. 47, n. 3, p. 994–1008,

2023.

SÜSSEKIND, Maria Luiza; SANTOS, Wilza Lima dos. Um abaporu, a feiúra e o currículo: pesquisando os cotidianos nas conversas complicadas em uma escola pública do Rio de Janeiro. **Momento – Diálogos em Educação**, Rio Grande, v. 25, 2016.

WIKIFAVELAS. Marielle Franco (PSOL/RJ) - Maré – RJ. **Dicionário de Favelas Marielle Franco**. s/d.